

FUNÇÃO MORFO-SEMÂNTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS: PREFIXAÇÃO, SUFIXAÇÃO E ONOMATOPEIA NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM – ESTUDO DE CASO

Aline Ribeiro Pena
(Uesb)

Vera Pacheco
(Uesb)

RESUMO

Este trabalho visa a analisar alguns dados da fala da criança, objetivando perceber como se dá a formação de novas palavras no processo de aquisição da língua materna oral. Busca investigar a natureza morfo-semântica de palavras formadas por prefixação, sufixação e onomatopéias, analisando a implicação semântica dos artificios morfológicos utilizados pela criança. Os dados são interpretados à luz do interacionismo, segundo o qual a aquisição é fruto da interação social e da troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores e da experiência da criança com a própria língua.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição, formação de palavras, morfologia, semântica.

INTRODUÇÃO

Dados os diferentes processos que envolvem a formação de palavras na língua portuguesa durante a aquisição da linguagem, levantamos a questão de qual seria a função dos elementos linguísticos utilizados pela criança na formação de novas palavras.

Percebemos que a criação de uma palavra que não existe no repertório da língua ocorre variadamente na fala da criança, a fim de nomear algo que corresponda às suas necessidades expressivas e comunicativas. Para tanto, a criança incorpora elementos da fala do

· Aline Ribeiro Pena é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, professora de Inglês e Português das redes estadual e municipal nos municípios de Ilhéus e Una/BA, e concluinte do curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino do Português, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA. E-mail: profa-alinepena@bol.com.br

· Vera Pacheco é doutora em Linguística pela UNICAMP, Campinas/SP, e Professora de Linguística no Curso de Letras na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA. E-mail: vera.pacheco@gmail.com

adulto (processo de interação com seu interlocutor), mas também lança mão de seu conhecimento de mundo, prosseguindo no seu desenvolvimento, aumentando e expandindo seu repertório linguístico (processo de interação com a língua).

No decurso de seu desenvolvimento linguístico, a criança apresenta diferenças e particularidades em sua fala que a diferem do sistema linguístico do adulto, tomado inevitavelmente como referência.

As diferenças entre a fala do adulto e da criança, normalmente tomadas como ‘erros’⁴, constituem, na verdade, o que Figueira (1995) aponta como uma ‘sistematização ou alinhamento de formas e estruturas’⁵, marcando um momento da fala da criança de certa autonomia linguística, evidenciando o que a autora coloca como ‘domínio dos padrões morfológicos e lexicais’.

As inovações são resultantes da fala espontânea da criança e, apesar da estranheza que podem causar, revestem-se de significação inequívoca, afirma Figueira (1995; p. 146-7):

[...] no trajeto de construção de subsistemas, marcando um momento da fala da criança que pode ser visto como de uma certa autonomia do linguístico, em contraste com a dependência da fala do Outro [...] Assim, em determinado momento da aquisição de uma língua, a criança produz formas ou estruturas desviantes, mas estas são interpretáveis e até certo ponto (algumas delas), previsíveis.

Durante a aquisição da linguagem, a criança se utiliza de recursos linguísticos, como a prefixação, a sufixação e a onomatopéia, para expressar a ideia desejada; ela utiliza e cria novos vocábulos conforme suas necessidades de expressão, lançando mão do repertório de possibilidades que a língua lhe oferece.

Diante disso, a pergunta que se coloca é: “Como a criança usa o sistema morfológico derivacional da língua em prol de uma comunicação efetiva?” Ainda, “Que princípios regem as palavras

⁴ Figueira (1995) considera essa terminologia inadequada, e propõe o termo “ocorrências divergentes”.

formadas por onomatopéias?” Assim, a presente monografia busca investigar os princípios que norteiam a formação de palavras por prefixação e sufixação e por onomatopéia em um período da aquisição da linguagem materna oral.

Nesse trabalho, partiremos da hipótese de que a criança, ao formar novas palavras derivadas e onomatopaicas, fá-lo-á a partir dos recursos morfológicos derivacionais que a língua possui. A escolha entre um e outro morfema será direcionada pela carga semântica dessa unidade morfológica, o que acena para uma interação da criança com o outro e com a própria língua, que tem seu próprio funcionamento.

O objetivo deste trabalho é investigar, durante um período do processo de aquisição da linguagem, como a criança utiliza os recursos linguísticos morfológicos para a sua comunicação com o adulto. Buscamos investigar como os processos de derivação por prefixação e por sufixação e de onomatopéia são usados pela criança para expressar a ideia desejada, levando à criação de novas palavras que não constam no repertório de palavras do adulto.

Objetivamos também estudar as funções morfológicas e semânticas dos prefixos, sufixos e onomatopéias usados no processo de formação de palavras pela criança, com o intuito de investigar como a criança recorre ao processo de formação de palavras, e qual a implicação semântica dos artificios morfológicos por ela usados.

Assim, buscamos investigar a natureza morfo-semântica de palavras formadas por prefixação, sufixação e onomatopéias criadas por uma criança durante um período no processo de aquisição da linguagem materna oral.

Tomamos como embasamento teórico a abordagem interacionista da linguagem, na qual a aquisição é fruto da interação social e da troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores, permitindo-lhe passar da incorporação da fala do outro à assunção de sua própria fala, concretizando-se como um falante em pleno controle de sua atividade linguística, como observa Scarpa (2001, 2001, p. 220) “A criança é

⁵ Para um maior aprofundamento, consultar Figueira (1995).

colocada numa estrutura em que comparece o outro, como instância representativa da língua, a própria língua em seu funcionamento e a criança como sujeito falante.”

O interacionismo tem seu maior representante em Lemos, e, segundo Scarpa (2001), essa abordagem teórica constitui uma direção alternativa ao sociointeracionismo presente nos trabalhos de Lemos até os anos de 1980. De acordo com Scarpa (2001), para o desenvolvimento da perspectiva interacionista, Lemos inspira suas leituras em Saussure e Lacan para estudar as relações do sujeito com a língua.

Considerando que o objeto de investigação do presente trabalho é a natureza morfo-semântica dos processos de formação de palavras por derivação e por onomatopéia, é importante que sejam consideradas algumas noções de ordem morfológica e semântica.

Tomamos o conceito generalizado de morfologia, do grego *morphe* = ‘forma’ e *logia* = ‘estudo’, a parte da linguística que descreve a forma das palavras, como afirma Ortega (apud MONTEIRO, 2002, p. 3):

A morfologia, como disciplina linguística, trata da forma interna das palavras, mais precisamente de sua estrutura. Donde entende-se, então, que as palavras são constituídas de unidades menores, intimamente relacionadas para produzirem um significado, e, ainda, exercerem uma função em cada enunciado onde aparecem.

Essas unidades menores, ou morfemas, são entendidas aqui pela definição de Lopes (2003; p.28) de “unidade formal abstrata mínima significativa da língua que na fala se realiza através da substância concreta denominada morfe, depreensível, por comutação”⁶.

Carvalho (1989) estabelece uma distinção entre morfema gramatical, ou gramema, e morfema lexical, ou lexema, tomando gramema como as formas presas (afixos) ou formas soltas, limitadas no léxico, e lexema como a raiz, ou seja, a unidade de base do léxico e que

⁶Para maior aprofundamento sobre os conceitos e elementos morfológicos, ver LOPES, C. A. **Lições de Morfologia da Língua Portuguesa**. Jacobina: Tipê-Carimbos, 2003.

pertence a inventários ilimitados e abertos. A autora afirma que “os morfemas gramaticais são em número limitado; os morfemas lexicais estão em permanente renovação, sem prejuízo da intercomunicação dos falantes” (1989; p. 11).

Nessa ‘renovação’, enquadra-se a criação de novas palavras, tomando palavra como termo usado somente para os vocábulos que apresentam significado lexical, e que só podem ser compreendidas porque os morfemas gramaticais utilizados são os mesmos da língua portuguesa, já conhecidos pela criança, embora os morfemas lexicais ainda lhe sejam desconhecidos. Segundo David Crystal (apud CARVALHO, 1989, p. 11), “o léxico compreenderia os termos e a gramática, as regras de uso, assim, palavras lexicais referem-se a palavras que têm forte conteúdo semântico prévio, representando o mundo das coisas extralinguísticas.”

Se por um lado, temos morfologia como a disciplina da linguística que trata da forma interna das palavras e de sua estrutura; por outro, temos a semântica, que, segundo Lyons (1977), é o estudo do significado, e que varia consoante as circunstâncias de enunciação. É na enunciação, ou seja, no uso da língua, que se produzem as inovações no sistema lexical, mudando-se as formas e, conseqüentemente, criando-se novas formas. Essas ‘novas formas’ são criadas obedecendo-se à estruturação morfológica da língua portuguesa, permitindo-se que o sistema linguístico possa ser o veículo de novas representações que vão continuamente surgindo na fala da criança e também na do adulto, num processo de inovação e da própria superação da língua.

Buscando compreender o uso de formas derivadas usadas pela criança durante o processo de aquisição da linguagem, Figueira (1995), em uma perspectiva interacionista, mostra como recursos morfológicos da língua são usados pela criança a partir da interação entre morfologia e semântica.

Os dados da autora apontam que o procedimento morfológico usado na criação de palavras pela criança se origina ou é determinado

pelo contexto linguístico, evocando prefixos e sufixos para buscar um significado diferente da base.

Nessa perspectiva, Domenica (2002), também, investiga a formação de palavras por meio da onomatopéia, considerando não apenas seu caráter imitativo, mas também, sua função semântica, ou seja, a repetição de um item lexical constituído por um acréscimo semântico.

Os dados encontrados na literatura, então, evidenciam que a criança, ao se comunicar com o adulto, usa recursos morfológicos com motivação semântica, o que só é possível se considerarmos a criança inserida em uma estrutura na qual a língua tem seu próprio funcionamento, o outro é visto como “instância representativa da própria língua” e a criança, por sua vez, é vista como um sujeito falante, como preconiza a proposta interacionista.

MATERIAL E MÉTODOS

Neste trabalho, analisamos alguns dados observados na fala de Alanna (doravante A), uma criança brasileira, natural do município de Ilhéus, estado da Bahia. O *corpus* do trabalho é composto por ocorrências da fala de A obtidas a partir de anotações realizadas pela sua mãe em diário quando A tinha entre 1;11 a 2;6, anos de idade, isso durante os anos de 2004 e 2005. Essas ocorrências surgiram espontaneamente na fala de A, sem qualquer direcionamento ou indução de seu interlocutor adulto. Portanto, os dados desse trabalho são naturalísticos (SCARPA, 2001).

Primamos pelo método naturalista/observacional por nos possibilitar uma análise detalhada e mais completa do processo de produção de novas palavras pela criança.

Constam do *corpus* de análise ocorrências de novas palavras criadas por A por meio de prefixos e de sufixos e de onomatopéias.

As novas palavras de A foram submetidas à análise morfo-semântica, ou seja, foram analisadas a natureza de suas partes

constitutivas e a carga semântica dessas unidades considerando o contexto em que as palavras foram realizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação do *corpus* da fala de A possibilitou a percepção de que, a partir da própria experiência da criança com a língua e de suas observações sobre as estruturas da fala de seu interlocutor adulto, a criança utiliza elementos linguísticos para constituir uma nova palavra que exprima a ideia desejada, usando, entre outros processos de formação de palavras, a derivação, que, conforme definição de Silva e Koch (1999, p. 32), “consiste na formação de palavras por meio de afixos agregados a um morfema lexical”, dentre outros o prefixal e o sufixal, e a onomatopéia, que consiste numa reprodução aproximada de certos sons ou ruídos.

Os constituintes morfológicos utilizados pela criança ao formar uma nova palavra apresentam implicações semânticas, o que determinou a divisão do *corpus* em sub-tópicos, donde propomo-nos a analisar os dados conforme o tipo de ocorrência usada.

DI/DIS- para indicar ação contrária:

(1) (O pirulito de A sai do palito)

A.Ô, mamãe!O piulito discachô! (=desencachou;) (D-1;11.7)

(2) (Uma conversa com o avô)

A.Eu vu tirá sua barba e botá in mim.

V.É?

A.Ponto, boti! Agora eu disboto. Ponto!É sua dinovo. (=recoloco) (D-1;11.10)

(3) (A pede para a mãe deixá-la ver dar a descarga do vaso)

A.Dêxa, mamãe? Dêxa eu vê divaziá? (=esvaziar) (D-2;2.13)

(4) (Vendo o filme do urso Puff, A pergunta sobre a mãe dele)

A.A mamãe dele disqueceu ele, foi? (=esqueceu) (D-2;3.28)

(5) (A pede para fechar a janela)

A.Fecha, mãe! Puquê o vento ele é muito chato!

M.Tá. Vou fechar.

A.E depois qui fecha ele disventa. (=pára de ventar) (D-2;6.7)

(6) (A prima de A fecha a porta do quarto)

A.Ah! Bubi, num podi qui minha mãe falô. Disfecha qui ela biga. (=abre) (D-2;6.10)

Estes dados revelam que A já tem perfeitamente adquirido o sentido do prefixo DI/DIS-, usado categoricamente com a ideia de desfazer algo, ou seja, de indicar uma ação reversiva, ainda que haja no léxico da língua portuguesa uma palavra específica para dar conta dessa ideia, como em (6) quando usa disfecha no lugar de abrir, à semelhança do que acontece com distorcer e desligar.

Percebemos, também, que A tem como referencial semântico de ação reversiva somente o prefixo DI/DIS-, e que apenas esse prefixo pode ser usado para indicar ação contrária, uma vez que ela o acrescenta aos verbos esvaziar e esquecer, formas que, no léxico adulto, já trazem essa ideia de contrário, como em (3) e (4). Esses dados mostram, então, que, para A, a ideia de ação contrária só pode ser obtida por meio desse prefixo. Figueira (1995) também observa essa ocorrência na fala de seu sujeito, que usa dimagreceu para emagrecer (1995; p.151).

No entanto, podemos observar que A também usa o prefixo DI/DIS- com carga semântica diferente de contrariedade, como em:

(7) (A brinca com o jogo de encaixe e pede para a mãe)

A.Dimonta aqui, mamãe?

M.Tirar?

A. Não! Dimonta esse com esse. (=montar)

M. Ah! Montar! (D-1;11.6)

Isso acontece porque a marca lexical não erigiu como sinal de oposição semântica, no que Figueira (1995) justifica “A criança não se deu conta ainda de que pode deixar de fazê-lo, isto é, que tais itens podem prescindir desta marca” (p.155).

EM- para indicar um estado:

(8) (A sai da banheira e pede para a mãe)

A. Entoalha eu?

M. Como?

A. Entoalha eu, mamãe? Com a toalha. (=enrolar com a toalha)

M. Enrolar você? Assim?

A. É, assim. (D-1;11.8)

Este dado revela que A parte do substantivo toalha, acrescentando-lhe o prefixo EM- para indicar que deseja ser enrolada com o objeto, como acontece em encaixotado que designa estar metido no caixote. Ao usar entoalha, A usa a mesma noção de encaixotar, qual seja, coloque-me na toalha, como se coloca qualquer objeto no caixote. Se tem, nesses casos encaixotar, tem, então, por outro lado, entoalhar.

Dessa forma, a ocorrência evidencia a sensibilidade de A aos recursos morfológicos da língua portuguesa, uma vez que a criança evoca o prefixo usado em outros termos que lhe são associados, em contextos semânticos que não lhe são diferentes.

-ÃO/ONA para dar ideia de grande, muito, aumentativo:

(9) (A brinca com a massa de modelar)

A. Ó, mamãe! Uma cobrona!

- M.Nossa! Como ela é grande!
- A.Agora tem duas: a cobrona e a cobroninha. (=grande e =pequena) (D-1;11.10)
- (10) (A vê a lua da janela com o avô)
- A.Ó, meu vô, lá!
- V.Aonde?
- A.Ó lá!Uma luona! (=grande) (D-1;11.15)
- (11) (A entrega um papel riscado para a mãe)
- A.Toma, mamãe, sua carta.
- M.Prá mim! Obrigada, meu amor.
- A.Guarda no coração.
- M.Vou guardar, viu?
- A.Agora ôta cartona. Brigada, di nada. (= uma carta maior) (D-1;11.16)
- (12) (A avó mostra alguns pássaros para A)
- V.Olha lá, neném, a sabiá!
- A.Ó outra vovó, o passarão! (=grande) (D-2;0.7)
- (13) (A pede a galinha que decora a cozinha-existem uma pequena e uma grande)
- A.Pode a galinha, mamãe?
- M.Pode. Toma a pequena.
- A.E a galona, a galona pode? (=grande)
- M.A grande? Pode também. Toma. (D-2;0.24)
- (14) (A conta uma historiazinha para a mãe)
- A.Ó, minha mãe! Chico foi e tava na biqueta, aí começô a chuvê, um chuvão e ele foi, num passo no buraco, não!
- M.Ele viu o buraco?
- A.Viu. Ah, mamãe! Olha ele! (D -2;1.29)
- (15) (A pega na caixa do leite e diz)
- A.Ui! Tá geladãozão! (=muito gelado) (D-2;2.13)

Nesses dados, percebemos que A já adquiriu o valor semântico do sufixo -ÃO, pois o utiliza para indicar coisas grandes, como em (9), (10),

(11), (12) e (13), e para indicar uma grande quantidade, como acontece em (14) e (15). Em (15), A usa geladãozão, reduplicando o sufixo, para dizer que o leite está muito gelado.

Curiosa também a distinção que A faz entre -ÃO para marcar os substantivos masculinos, em (12), (14) e (15), e -ONA para marcar os substantivos femininos, em (9), (10), (11) e (13). Não é objeto deste trabalho analisar as distinções de gênero, perceptivelmente já assimilada por A, contudo queremos apenas destacar a adequação da variação de uso entre -ÃO e -ONA.

-INHO/INHA e -TITO/TITICO para indicar pequeno ou pouco:

(16) (Vendo 'Globo Rural')

A.Ó, mamãe, um boinho! (=boizinho) (D-1;11.4)

(17) (A pede à prima para ouvir a música do 'elefante')

A.Bubi! Vamo dançá do elefante?

B.Só que, mais eu quero a do Aladim, neném.

A.Ah! A do elefante, Bubi, só um poquitito! (=pouquinho)

(D-1;11.16)

(18) (A vê uma towner)

A.Ó, mamãe! Uma vanzinha! (Van pequena) (D-2;1.0)

(19) (A mostra dois cachorros que vê)

A.Mamãe! Ó dois, mamãe! Dois cachorrinho pequititico.

(=pequeninos) (D-2;2.5)

(20) (Vendo TV)

A.Aquele é pequititico, né vói? Aquele jacarezinho

pequititico... (=pequeno) (D-2;6.5)

Esses dados deixam claro que A distingue muito bem o que é grande ou muito do que é pequeno ou pouco, como podemos retomar em (9), quando mostra para a mãe a cobrona, ou seja, uma cobra grande, e a cobroninha, ou cobra pequena.

Observamos em (16) e (18) o acréscimo de -INHO/INHA com a função de marcar o diminutivo, indicando que se tratam, respectivamente, de um boi pequeno (na verdade o que A mostra é um bezerro, como desconhece o termo, utiliza o acréscimo do sufixo -INHO junto à palavra que conhece -boi -para dizer o que viu); e de uma Van pequena (novamente A utiliza o sufixo -INHA junto a um termo já conhecido - van - para indicar um veículo parecido, porém menor do que o que conhece).

Em (17), (19) e (20), A acrescenta -TITO ao advérbio pouco, originando a palavra poquitito, e -TITICO ao adjetivo pequeno, originando pequititico, ainda que no léxico da língua portuguesa existam 'pouquinho' e 'pequeninho'. Essas ocorrências mostram uma produtividade importante na fala de A, que é o reconhecimento do valor semântico dos recursos morfológicos, que utiliza para construir e transmitir suas próprias significações.

-ENTA para indicar qualidade de:

(21) (A pede para a avó)

A.Vovó! Lava a fofote que ela tá, tá sujenta. (=suja) (D-2;0.4)

(22) (A não quer lavar a cabeça)

A.Não, mamãe! Num quero! Num lava!

M.É pra Naninha ficar cheirosa e bonita.

A.E você é muito feienta! (feia) (D-2;0.6)

(23) (A fala com a avó sobre a empregada)

A.Carminha é abusenta, né? (=abusada)

V.Não. Não é, não.

A.É sim. É abusenta, sim. (D-2;4.3)

Merecem atenção os dados acima, em que A utiliza o sufixo -ENTA, marcado pela desinência do feminino, para criar adjetivos a partir do semantema de outros já existentes.

Sendo semantema a parte da palavra que concentra o núcleo significativo, A atribui qualidade a adjetivos já existentes no léxico português, como em (21) para atribuir à boneca a qualidade de suja, em (22) para atribuir à mãe a qualidade de feia, e em (23) para atribuir à empregada a qualidade de abusada ('abusenta' aqui é usado por A como sinônimo de pirracenta).

Assim, é possível afirmarmos que A reconhece os recursos morfológicos da língua, pois os usa para reformular adjetivos já existentes. No entanto, essas novas estruturas não podem ser tomadas como 'desvios', e sim como algo previsível, já que existem no próprio léxico formas com a mesma estruturação criada por A, tais como pirracenta, ciumenta e violenta; demonstrando, assim, a realização por A de uma sistematização das formas linguísticas.

-EIRO para indicar continente:

(24) (A pede para a mãe colocar o sabonete líquido na água da banheira)

A.Cê pega o espumeiro? (=que faz espuma)

M.Pegar o quê?

A.O espumeiro. Aquele que faz blublublu. (simulando a espuma) (D-2;5.16)

Na ocorrência acima, A acrescenta o sufixo -EIRO ao substantivo espuma para indicar algo onde essa espuma está contida. A exemplo de saleiro que contém o sal, A usa espumeiro para indicar algo que contém a espuma, evidenciando uma organização dos elementos linguísticos, bem como o reconhecimento de suas significações.

Onomatopéias:

As onomatopéias consistem na imitação de sons seja das vozes de animais, seja dos ruídos da natureza, ou até mesmo do som produzido

por objetos e pelo próprio ser humano. Assim, A utiliza as seguintes onomatopéias:

(25) (Uma banda afro ensaia próximo à casa de A que pede para a avó)

A.Vovó! Que vê dumdumdum! (=som dos instrumentos)
(D-2;1.19)

(26) (A conta para a avó sobre a queda que tomou passeando de bicicleta)

A.Vovó! Eu caí lá, lá passeando da biciqueta.

V.E como foi, neném?

A.Bateu no buraco e tiberebufu! Caiu! (=barulho da queda)
(D-2;1.20)

As onomatopéias são usadas por A para formar palavras imitativas, evidenciando um processo singular de constituição de significações. As palavras são constituídas por repetição silábica, como em (24) e (25), ou pela repetição de vogal ou consoante, acompanhada geralmente de alternância vocálica, como em (26) com as vogais ‘e’ e ‘u’ e a consoante ‘b’ para formar tiberebufu, numa reprodução do barulho da queda.

O significado que as onomatopéias encerram está intimamente relacionado com o objeto ou a ação que provocaram a formação da palavra onomatopéica. Assim, em (24) e (25), os substantivos blublublu e dumdumdum foram criados, respectivamente, pela reduplicação do barulho provocado pela espuma e pelos instrumentos. Para Domenica (2002), as onomatopéias são muito recorrentes na fala da criança e são frequentemente formadas por meio de um outro processo de formação de palavras, qual seja, a reduplicação, que segundo a autora é um processo também muito frutífero na fala infantil.

Já em (26), A cria, não por meio de uma reduplicação perfeita, como em (24) e (25), um verbo que recupera um barulho decorrente de uma queda e o seu uso no lugar de um verbo já existente na língua,

cair. Apesar da existência desse verbo para indicar a queda, a situação somente é verdadeiramente descrita ao usar um verbo onomatopaico: bateu no buraco e tiberebufu, ou seja, não foi uma queda qualquer, foi uma queda acentuada, drástica, o que não se recupera com o uso do verbo cair.

Os dados acima demonstram que, no âmbito das significações, não se pode ignorar o contexto enunciativo, pois, por exemplo, em (24), a onomatopéia usada por A para simular o efeito causado pelo sabonete líquido na água, favorecido pela situação (A está na banheira), ajuda seu interlocutor adulto (neste caso sua mãe) a compreender o significado de espumeiro.

As análises apresentadas são, então, fortes evidências para a hipótese de que, ao formar novas palavras, a criança lança mão dos recursos morfológicos da língua, integrando-os a informações semânticas, o que mostra a relação da criança com a sua própria língua em funcionamento e com o outro.

Nesse sentido, é possível observarmos que a criança, ao utilizar prefixos, sufixos e onomatopéias para formar novas palavras articula as unidades compositoras da língua com certa amplitude que, aliadas ao contexto no qual essas novas palavras foram inseridas, implicam numa função morfo-semântica da linguagem.

No processo de formação de palavras, a criança cria um novo item lexical a partir de um outro pré-existente na língua, no qual a função morfológica encontra-se na utilização de seus morfemas gramaticais, já conhecidos pela criança, e no sequenciamento correto das estruturas que formam a palavra; atribui-se, assim, significado às novas palavras em função da carga semântica dos elementos que lhe são associados, em decorrência do contexto no qual são proferidas. Daí, um item lexical ser um complexo de propriedades tanto morfológicas quanto semânticas, pois é composto por unidades significativas mínimas ao mesmo tempo em que as articulações dessas estruturas atribuem-lhe um significado, como se verifica em Monteiro (2002, p. 11):

As palavras são constituídas de unidades menores que, combinadas, produzem um significado [...] como não costumam ser empregadas isoladamente, exercem também uma função em cada enunciado onde aparecem.

Observamos, então, que estas novas palavras que surgem podem ser compreendidas por serem constituídas pelos elementos estruturais morfológicos já existentes no léxico da língua portuguesa e por seu valor semântico no contexto no qual foram proferidas, permitindo, dessa forma, a perfeita comunicação entre criança e adulto.

CONCLUSÕES

No âmbito das diversidades de uma língua, seus recursos morfológicos possibilitam a criação de denominações novas para novas situações.

No entanto, ao criar uma nova palavra, é necessário que esta obedeça a certas normas da língua para compor coerentemente os vários segmentos que formam a estrutura da palavra, do contrário seria impossível sua decodificação.

Nesse sentido, ao criar novas palavras, a criança se faz entender, uma vez que obedece aos processos de formações já existentes na língua portuguesa; mesmo que de forma inconsciente, projeta suas vivências e observações na construção de sua fala. As inovações são compreendidas, porque os morfemas lexicais utilizados são os da língua portuguesa, desempenhando uma função morfológica, e também são compreendidos por conterem elementos representativos, que desempenham uma função semântica.

As novas construções realizadas pela criança revelam a língua como um repertório de possibilidades, no qual as suas unidades compositoras se articulam com tal amplitude que permitem flexibilidade e abertura à criação de novas palavras, que não se limitam à criança durante o estágio de aquisição da língua materna, mas ao adulto quando a situação comunicativa lhe exigir.

Assim, considerando as perguntas iniciais postas e a hipótese de trabalho abraçada, as análises e discussões que foram realizadas nesse trabalho permitem concluir que a criança, ao formar novas palavras, seleciona aqueles morfemas que satisfazem, semanticamente falando, uma exigência contextual, o que nos permite concluir, também, que, de fato, há a interação da criança com o outro e com a própria língua em funcionamento.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Nelly. **Empréstimos Linguísticos**. São Paulo: Ática, 1989.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. **Erro e Enigma na Aquisição da Linguagem**. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre. V. 30, nº4, p. 145-162, dezembro 1995.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **Lições de Morfologia da Língua Portuguesa**. Jacobina: Tipê-Carimbos, 2003.
- LYONS, J. **Semântica**. Lisboa: Ed.Presença/Martins Fontes, 1977, p.11-24.
- MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.
- SILVA, M. Cecília P. de Souza e; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística Aplicada ao Português: Morfologia**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Campinas: Cortez, 2001.